

# BARBÁRIE VERSUS CIVILIZAÇÃO

## GUERRA IRREGULAR — GUERRILHAS — CAMPANHA DE CANUDOS

Marechal T. DE ALENCAR ARARIPE  
Ministro do STM — Sócio do IGHMB

A Biblioteca do Exército editou, em junho-julho de 1965, o interessante livro "DO LITORAL AO SERTÃO" — do ilustre Professor FUNCHAL GARCIA.

O Exército Nôvo, que vive com as vistas voltadas para a era sideral e atômica, embora seja forçado a baixar ao "terra a terra" das guerras insurrecionais ou das guerrilhas, talvez não se tivesse apercebido do aparecimento desse trabalho, aparentemente inofensivo.

O título que prenuncia simples crônicas literárias de um turista, deveria ser, a meu ver, LITORAL VERSUS SERTÃO — a exemplo da notável obra de EUCLIDES DA CUNHA — OS SERTÕES —, cujo título ficaria melhor, como mais expressivo — BARBÁRIE VERSUS CIVILIZAÇÃO E LEGALIDADE.

Obra do campo literário, nenhum reparo despertaria, nem caberia esta minha apreciação, não fôra o enfático parecer da contracapa da mesma: "Do Litoral ao Sertão, além de ser um livro de mérito invulgar pela forma e pelo conteúdo, tem um significado especial nas partes em que *restabelece a verdade sobre o papel do Exército na Campanha de Canudos...*" (O grifo é nosso).

Longe de nós opinarmos sobre o mérito da forma da obra. Respeitamos a opinião do editor e do autor, no direito de emití-la como o entender. Mas recusamos admitir que tenha restabelecido a verdade sobre o papel do Exército na Campanha de Canudos. *Ne sutor ultra crepidam.*

Nos trechos principais do seu livro, o autor reproduz apreciações, a nosso ver, fantasiosas de Euclides da Cunha. O autor mesmo confessa ter seguido as pegadas do grande homem de letras e ter sido "um piolho do micróbio de Euclides".

Sob a capa da realidade dessa tragédia sertaneja, que retratou — embora exagerando e fantasiando —, por vezes, Euclides da Cunha resvalou para lastimável parcialidade, com o emprêgo de prismas

propositadamente destorcidos. Na parte referente ao papel do Exército, manifesta-se com insopitada malquerença aos seus ex-compañheiros do Exército republicanos e florianistas, dos quais se havia separado em uma de suas crises patológicas. Acresce que êle aproveitara o fato de ser testemunha voluntária dos acontecimentos trágicos, para extravasar seu instinto panfletário, para cortejar os leitores dos jornais de São Paulo, para os quais escreveria, leitores que, em maioria, não se haviam conformado com ter-lhes escapado o domínio da situação política que passara às mãos da oficialidade republicana do Exército.

Pobre de mim. Já disse: — “Quando imbuído de grande ardor profissional, enfrentei a decantada obra “Os Sertões”, sofri profunda desilusão, com as insidiosas restrições feitas aos valorosos soldados do Dever. Meu natural senso realístico, avêssos aos excessos da fantasia e do dogmatismo, não me permitiu que me enfileirasse aos endeusadores intransigentes do renomado escritor. Nunca cheguei a compreender grande parte das análises e críticas de Euclides da Cunha. Falha minha, com certeza, porque é *vox populi* “de não haver necessidade de mais crítica à obra monumental, que não precisa de condescendência de crítico algum” (sic)”.

Hoje temo em investir o mito euclidiano. Bem sabemos que os mitos surgem de circunstâncias imponderáveis e que não há argumentos, lógica ou provas que consigam pô-los por terra. Ao contrário, os ataques contra êles têm servido para mais realçar seu renome. Haja vista o recente caso Rui e o seu Mito, de Magalhães Júnior.

\* \* \*

Euclides da Cunha surgiu no meio literário brasileiro como extraordinário fenômeno, mais pelas características originais de um estilo e forma fortes do que pelo acêrto de suas afirmações científicas ou históricas.

Os maiores vultos da cultura brasileira na época do aparecimento de OS SERTÕES, e mesmo depois, teceram-lhe grandes louvores impressionados pelo arrojado das imagens e dos conceitos, muito difíceis de serem comprovados. Quase todos êles, inclusive ARARIPE Júnior prenderam-se ao valor literário e principalmente às ressonâncias que agradam aos ouvidos mais do que ao entendimento. Não chegaram à análise do conteúdo científico, sociológico e histórico de sua obra. Limitaram-se ao panegírico literário e a considerar o vigor do dobrar dos sinos ante a tragédia do atraso da civilização de vários séculos.

Dos críticos, só Gilberto Freire (Perfil de Euclides da Cunha e outros Perfis, 1944), nos últimos tempos, sem desmerecer do real valor do estilista, deu a justa interpretação a tôda sua obra, como veremos adiante.

É de estranhar que, apesar do desafio temerário de Euclides, quando lançou o seu livro supremo — “Devia vir de militar a contradita mais bem acentuada ao livro que fui obrigado a escrever sobre a lastimável campanha de Canudos”. ... “Escrevi este livro para o futuro... depois tive o pensamento capital de o subordinar à contraprova violenta dos protestos contra as falsidades ou acusações injustas que encerrasse. Atirei-o por isso seriamente à publicidade. ... E apareci só. Não apareceram porém os protestos. Não podiam aparecer: desafiariam imprudentemente a réplica inflexível dos fatos. Não deviam aparecer: afrontariam inútilmente as energias triunfantes da verdade”.

“Este livro sêcamente atirado à publicidade... para que os protestos contra as falsidades que acaso encerrasse se exercitassem perfeitamente desafogadas...” não chegou, na época, a provocar franca repulsa às insultuosas diatribes de Euclides.

Note-se, contudo, que não faltaram depoimentos sinceros e verídicos dos participantes — relatórios e partes, com o cunho da oportunidade, e ainda mais os livros de Dantas Barreto, de Constantino Nery, de Macedo Soares e outros, os quais, sem escândalo, colocavam os fatos nos devidos termos, sem acusar, sem intentos de defesa e também sem louvar; mas não convinha aos senhores da publicidade despertar a atenção da Nação para o sacrifício dos militares...

Há pouco tempo, Dante de Mello, em “Verdade sobre os Serções”, ousou com invulgar coragem, levantar a luva lançada por Euclides da Cunha e com documentos, inclusive as afirmações do próprio Euclides, cujas contradições assinala, para defender os militares combatentes de Canudos das torpes aleivosias euclidianas.

A Biblioteca do Exército editou o seu valioso trabalho, volume 243, 1958. Mas o grande público talvez não se tenha apercebido do valor da obra do incisivo escritor militar que se bate pela verdade; e quando muito virará a cara com sorriso irônico: “Ora, atacar o invulnerável, o grande Euclides...”

\* \* \*

Eu, desde menino, impressionei-me pelo fenômeno “Canudos”. Aspecto pessoal e de ordem sentimental. Encontrava na cidade onde cresci, velhos e valorosos combatentes contra Canudos, alguns gloriosamente mutilados, os quais deveriam merecer maior gratidão da Nação.

Já no alto da carreira militar e como estudioso de Tática das Armas e de Tática Geral e de História Militar, pus-me a estudar a Guerra de Canudos e daí, o meu modesto trabalho

“AS EXPEDIÇÕES MILITARES CONTRA CANUDOS — SEU ASPECTO MARCIAL” — Edição do autor — Imprensa do Exército, 1960.

Homenagem à memória dos mártires e heróis de Canudos!

De caso pensado, restringi-me ao aspecto militar dos fatos, sem ter em conta a fúria demolidora de Euclides das qualidades dos seus ex-companheiros de farda. Procurei, compulsando farta documentação, colhêr ensinamentos para a atuação interna das forças federais na repressão das insurreições contra a ordem e as instituições e o que é importante, levar os estudiosos ao justo desagravo à memória dos infelizes mártires combatentes das Expedições contra Canudos.

Terei conseguido o meu intento? Espero que sim, com o poder miraculoso das idéias úteis que acabam por impor-se.

\* \* \*

O aparecimento de — DO LITORAL AO SERTÃO — editado pela Biblioteca do Exército, força-me romper o silêncio, que se tem feito em torno do acontecimento histórico “Canudos”.

Sem querer alimentar polémica, não devo fugir à contestação do conceito de que o novo livro sirva para “restabelecer a verdade sobre o papel do Exército na Campanha de Canudos”.

Força-me também a circunstância de ter sido citado ao pé de várias páginas desse livro (227, 341, 343, 347 e 351), como se o autor encontrasse concordância para seus juízos pouco abonadores.

Quero crer que quem escreveu os conceitos sobre o livro de Funchal Garcia, se deixou impressionar pela cultura e agradável forma literária que revela o autor, mas não pesou o conteúdo das afirmações sobre o papel dos militares e dos jagunços na Campanha de Canudos.

O autor, como pintor e humorista gaiato, que se diz ser, tem o direito de apresentar os seus quadros, como impressões dos próprios sentimentos, como sentiu a natureza e os homens. Não se lhe nega o privilégio da originalidade e talvez a ausência de maldade.

É vêzo do pintor, do artista e dos escritores simbolistas, carregarem nos traços e nas cores, de acordo com a interpretação pessoal dos fatos, temperada por maior ou menor dose de imaginação e fantasia. Podem descambar às vezes, para a caricatura, para o engrandecimento, o exagero, o grotesco ou o ridículo. Nem sempre o quadro corresponde à verdade ou facilita a compreensão desta. Pode ser artístico, belo ou impressionante e fugir da verdade histórica. Principalmente, em se tratando da História, como um Tribunal. Aí não se admite qualquer distorção.

Nunca vi conveniência em exaltar as figuras dos bárbaros, broncos sertanejos: os Lampeões, os Coriscos, os Pajeús, os Macam-

biras, os Pedrões, os Antonios Conselheiros... Antes, cabia melhor condená-los, ou então, lastimá-los como vítimas do destino.

Por que voltar-se contra os militares que não poderiam furtar-se ao cumprimento da ordem e ao respeito à lei?! Serão paranóicos os chefes militares que se impõem a si mesmos incruentos sacrifícios e que conscientemente lançam ao supremo sacrifício suas tropas e os adversários?!

Gilberto Freire, que tão bem compreendeu Euclides da Cunha, disse com propriedade: "Euclides da Cunha vive por sua personalidade criadora e incisiva. Suas apreciações revelam a personalidade angustiada que procura exagerar para completar-se e exprimir-se nela; para afirmar-se junto com ela".

"O Sr. Afrânio Peixoto, em discurso acadêmico, definiu com nitidez a paisagem fixada no livro pouco pedagógico de Euclides da Cunha: "... cenário desmedido e grandioso, rude e magnífico, em que viveu, pensou e sofreu a personagem silenciosa que não se descreve e está sempre presente naquelas páginas... Não é livro de história, estratégia ou geografia, é apenas o livro que conta o efeito dos sertões sobre a alma de Euclides da Cunha." (Pág. 22)

E mais adiante: "Na descrição dos sertões, o cientista erraria em detalhes de geografia, de geologia, de botânica, de antropologia; o sociólogo, em pormenores de explicação e de diagnóstico sociais do povo sertanejo. Mas para o redimir dos erros de técnica, havia em Euclides da Cunha o poeta, o profeta, o artista cheio de intuições geniais. O Euclides que descobrira na paisagem e no homem dos sertões valores para além do certo e do errado da gramática da ciência.

O poeta viu os sertões com o olhar mais profundo que o de qualquer geógrafo puro; que o de qualquer simples geólogo ou botânico; que o de qualquer antropologista.

O profeta clamou pelos sertões...

O artista os interpretou em palavras cheias de força... em favor do deserto incompreendido, dos sertões abandonados, dos sertanejos esquecidos...

Em Euclides, a tendência foi quase sempre para engrandecer e glorificar — como nas óperas — as figuras, as paisagens, os homens, as mulheres, as instituições com que se identificava. Engrandecer, alongando: à sua imagem, talvez. Menos, porém, ao herói individual que ao tipo heróico... Fixa as linhas terrivelmente esculturais, exagerando os alongamentos, os ângulos, os relevos..."

Isso tudo sobre Os Sertões, os incultos. Mas sobre os homens da civilização e da lei, muito pouca coisa dizem os críticos.

Só muito de longe, ressalva Gilberto Freire, acima citado; "Seus ensaios sobre personagens isoladas, sobre tipos complexos, concen-

trados no tempo ou no espaço, não têm a força nem a riqueza psicológicas dos outros; sobre assuntos menos definidos. Suas afirmações enfáticas, de oratória, nem sempre se adaptam ao tipo. Revela-se mais um intuitivo do que um lógico e verdadeiro.

... Os mesmos limites Euclides revela diante de personalidades menos distantes: o seu Moreira Cesar, o seu Carlos Teles, mesmo o seu Floriano, nenhum deles tem o vigor ou a verdade do seu sertanejo ou do seu seringueiro. Assinala que destes e doutros fez apenas caricaturas, em frases sonoras, que agradariam a vista e os ouvidos, frases que não escondem os vícios do verbalismo, talvez do gongorismo".

Essas restrições, entrevistas por analista destemeroso, colocam nos devidos termos as afirmações dos endeusadores de Euclides da Cunha, os quais têm no "Os Sertões" um livro nacional, uma epopéia, um poema, uma canção de gesta, à semelhança do que Dom Quixote é para a Espanha ou "Os Lusíadas" para Portugal. Especialmente, no que toca ao papel do Exército nas operações em Canudos, o bom-senso se guarda de seus juízos do repórter imaginoso. Nem tampouco, lhe cabe a láurea de expoente da cultura do Exército, como afirmam os acadêmicos e escritores de nomeada, pois ele não chegou a ser militar, nem escreveu sobre assunto militar.

Eis por que estranho o aparecimento do livro do Professor FUNCHAL GARCIA, a reviver, pela boca de broncos ainda incultos, os juízos de Euclides da Cunha, desabonadores do papel do Exército na Campanha de Canudos.

*Distorção da verdade sobre o papel do Exército na Campanha de Canudos* — Em nosso modesto trabalho, estudamos, no ponto de vista estritamente militar e à luz dos documentos e da doutrina, os acontecimentos das quatro expedições contra Canudos. Por ele são repelidas as cavilosas insinuações contra os comandantes da legalidade.

A atuação de Pires Ferreira, Febrônio de Brito merece respeito e suas figuras másculas não podem ser ridicularizadas, homens que não se poderiam furtar às ordens e ao dever e que, face à tragédia por que não eram culpados, portaram-se como super-homens, verdadeiramente heróis.

Do mesmo modo, Moreira Cesar, o "cabeça de turco" de todos os erros e desacertos dos politiquieiros e imã a atrair todo o vírus antiflorianista do escritor. O destemor, a energia, a paixão pela legalidade são desconhecidos, para dar vasa à acusação maldosa do paranóico, o doente, o epilético. Paranóico, a quem se reconhecia "ser dono do próprio batalhão", verdadeiro condutor de sua tropa.

Tamarindo, que não desertou, que se imolou pelo dever, é "o apático, o inoperante". Nem o valoroso Capitão Salomão da Rocha escapou. É o obstinado, um doido que se sacrifica, quando tudo está

perdido. Só o fanático é bravo. Não há lugar para a bravura do soldado da Lei; para o consciente sacrifício da própria vida. O bravo dos bravos seria um doente, um paranóico.

Onde a verdade foi restabelecida?!

Na primeira expedição, o autor repete Euclides e Aristides Milton a respeito das causas que determinaram o envio da tropa, mediante intrigas dos politiquieiros locais. Nenhuma censura à má-fé com que foi lançada a pequena força federal, despreparada para tal aventura. Não se faz referência à oposição do General Solon ao emprêgo da força, nas condições impostas. Os dirigentes civis, ontem como hoje, precatavam-se da ingerência dos militares nos acontecimentos locais.

Só com um *de profundis*, reconhece "ser Pires Ferreira a primeira vítima da subestima da agressividade e do perigo dos fanáticos de Canudos; subestimação do próprio governador da Bahia que "apesar de homem honesto, inteligente e culto, foi na onda, embrulhado pelos ditos cujos politicartos..."

Só nas entrelinhas de suas apreciações, o leitor lúcido, pode concluir, de boa-fé, ter a malograda expedição procedido como lhe cabia proceder ante as circunstâncias que maldosamente lhe foram impostas.

Que teria acontecido se Pires Ferreira, simples Tenente, tivesse ponderado contra a ordem recebida ou se tivesse recusado a cumpri-la?! Seria acoimado de covarde ou processado por desobediência. Mas após o fracasso, caem-lhe em cima como insensato, poltrão, incapaz. Leiam-se às páginas 26 a 36 de Expedições Militares contra Canudos.

Quanto à Segunda Expedição, o Professor Funchal Garcia reconhece o êrro do desvario popular com "E lá vai, no embrulho para Canudos, o Major Febrônio de Brito". A mesma intervenção do Juiz de Direito com o embrulhadíssimo governador a dar ordens ao militar. O mesmo protesto do General Solon, que, por estar ameaçando a autonomia do Estado, foi transferido. Insistência do governo do Estado para que Febrônio avançasse contra os insurgentes. Como não cumprir ordens? Como negar as informações otimistas das autoridades locais e confessar seus temores? Como desconhecer o seu brio militar? Como acusá-lo de irrefletido, um precipitado? O crime estava em quem o lançou à aventura, com informações que sabiam não ser verídicas. Sem os recursos e o aparelhamento apropriados à espécie de luta, sabendo as autoridades do Estado que não encontraria na região nem gêneros, nem meios de transporte e nem a boa vontade da população, simpatizante dos insurgentes. Além do mais, para vencer a resistência dos militares, a intriga mudou o comandante do Distrito Militar, o que com as manobras politiquieiras, aumentou a pressão sobre o brioso Major Febrônio. Vem o fracasso e só o destemeroso soldado pagará caro a sua lealdade e ingenuidade.

Das duas primeiras expedições, só se devia concluir que os militares do Exército e da Polícia estadual procederam como verdadeiros heróis e foram mártires da incúria dos responsáveis pela coisa pública. Mas para os escritores venenosos e cheios de fel, a verdade não convinha aos seus fins.

Não é possível ofuscar o heroísmo de Febrônio e dos seus homens — “o Major Febrônio foi um cabra famanaz para o pessoal dele...” mas lá vem o tom do ridículo — “o Major Febrônio de Brito, esfarrapado, imundo, cheio de escoriações, sangrando por tôda parte, dando incríveis exemplos de energia e de fôrça, de coragem, sempre lutando, sempre correndo aos saltos, qual símio gigantesco, afrontando a morte com desdém supremo, obrigando seus comandados a segui-lo...” Fôrça de imaginação maldosa. Nesse quadro de confusão dantesca, ao em vez da grandeza humana de um herói legítimo, só ocorreu à imaginação do artista a figura degradante de “um símio gigantesco”. Só os fanáticos foram exaltados.

Euclides, apesar de suas insinuações e reticências, não chegaria a tanto. Viu mesmo e não poderia deixar de ver, na “retirada do Major Febrônio se, pelo restrito do campo em que se operou, não se equipara a outros feitos memoráveis, pelas circunstâncias que a enquadraram, é um dos episódios mais emocionantes de nossa história militar”. “Símios amotinados” eram os sertanejos.

Nas terceira e quarta Expedições, sobe o paroxismo da má vontade de Funchal aos militares daquela época e principalmente a Moreira Cesar e Artur Oscar. Negou-se-lhes capacidade profissional, comprovada por seus tirocínios em campanhas anteriores. Nenhum intuito de alinhar as dificuldades de operações desse gênero, para o que o Exército da época não estava aparelhado e adestrado, por culpa dos governos.

O escritor atual, indo além das pegadas de Euclides, ataca rudemente os chefes das duas expedições. Nos seus estudos das duas personagens, Euclides, embora sempre fantasioso, pôs ressalvas às “versões exageradas ou falsas” sobre os dois vultos destacados na campanha e, mesmo no seu Diário, há referências sobre as qualidades morais dos dois.

Como denegri-los agora, à distância do tempo e das paixões, apontando-os como doentes mentais? Nem eles o foram, nem seus comandados, homens do dever.

Como aceitar a volúpia de apresentar os combatentes de Canudos como ferozes degoladores, mais bárbaros do que os fanáticos? A guerra conduz a atos de desumanidade condenáveis, mas os guerreiros sempre ficaram imunes à condenação execrável. Principalmente na guerra entre irmãos, não se domina a ferocidade dos instintos. A ferocidade de um, de outro lado, era decorrente da própria natureza humana. Só os militares foram ferozes?

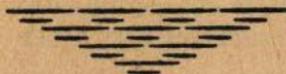
\* \* \*

A guerra nas selvas, a guerra nos sertões, a guerra insurreccional, constituem problemas que as forças armadas de todos os países não conseguiram resolver de maneira satisfatória. O Exército brasileiro, nos idos de 1896, como ainda hoje, preocupado mais com a guerra clássica e regular, também não a conseguiu solucionar.

Os chefes militares da época sacrificaram-se para dominar o meio, a politicagem e a insuficiência de recursos. Mas houve uma coisa que abundou na luta contra os insurgentes de Canudos. Foi o espírito de sacrificio. E isso redime os militares de todos os erros, provenientes mais da incúria e má-fé dos politiqueiros, do que das qualidades dos valorosos soldados da República.

As falhas e os erros eram peculiares à época, à organização administrativa e militar, à ausência de preparação para a campanha, ao descompasso entre a mentalidade civil e a dos militares. Falhas e erros que em vez de ser arrematizados, deveriam servir de lição para o futuro. Erros da estrutura brasileira mais do que propriamente dos militares.

Para restabelecer a verdade sobre o papel do Exército em Canudos é indispensável bem considerar as circunstâncias e as condições da Nação Brasileira, naquela época. Sem a apreciação do quadro integral e local, cometer-se-á grave injustiça — como nos livros aludidos.



A DEFESA NACIONAL é a **sua** Revista de estudos e debates profissionais. É a **sua** **tribuna**. MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!